

Saúde e alimentação na pauta científica do Globo Repórter¹

Autores: Laís Rissato² (aluna pesquisadora) e Prof^a Me. Denise Tavares³ (orientadora)

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Resumo:

Recorte do projeto de Iniciação Científica “Ciência na sala de casa: As descobertas e conquistas científicas na pauta do Globo Repórter”, este trabalho discute a ênfase dos temas “saúde” e “alimentação”, destacados entre os 34 programas produzidos sob a égide da editoria de Ciência, no período compreendido entre 2001 e 2004. O objetivo é discutir como estes temas são trabalhados no programa e, em que sentido, estas pautas podem ser consideradas como produção de Jornalismo Científico.

Palavras-chaves: jornalismo científico; divulgação científica; Globo Repórter.

1. Introdução

Este artigo é um recorte do projeto de pesquisa *Ciência na sala de casa: As descobertas e conquistas científicas na pauta do Globo Repórter* desenvolvido como trabalho de Iniciação Científica entre o período de agosto/2005 e agosto/2006. O projeto acadêmico teve como objetivo listar e destacar os programas do *Globo Repórter*, da Rede Globo, que foram produzidos entre os anos de 1995 e 2004, construídos sob a editoria Ciência. O recorte de 10 anos, iniciado a partir de 1995, foi definido em função do panorama político do país, que iniciava, neste ano, o governo de Fernando Henrique Cardoso, que aprofundou e deu consistência ao projeto neoliberal assumido desde a gestão de Fernando Collor.

Logo após, foi feita uma análise detalhada da estrutura e do conteúdo dos programas, com o intuito de descobrir se o que o Globo Repórter produz é divulgação da ciência, jornalismo científico, ou ainda, espetacularização da notícia científica. Neste

¹ Trabalho apresentado à sessão 4 – Jornalismo e Editoriação – do Intercom Júnior (Jornada de Iniciação Científica em Comunicação).

² Laís Rissato é aluna do 7º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas.

³ Denise Tavares é graduada em Jornalismo, Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes da Unicamp/SP (em cinema) e doutoranda pelo PROLAM. É professora e diretora do curso de Jornalismo da PUC-Campinas.

percurso, uma das primeiras constatações e que será discutida aqui, foi a predominância de temas ligados à alimentação e à saúde. Aqui, optou-se por recortar ainda mais este projeto, dado o limite de espaço e por considerar que um texto assim focado permitiria uma discussão mais pontual, coerente com a proposta do Iniciacom.

Como no processo de construção desta pesquisa definiu-se como roteiro de trabalho três etapas principais que são a contextualização da ciência, a relação entre divulgação científica *versus* jornalismo científico e um breve histórico do Globo Repórter, optou-se por recuperar brevemente os principais pontos deste percurso e, em seguida, discutir a pauta específica do Globo Repórter Ciência, centrada tão preferencialmente nas questões relacionadas à alimentação e saúde do brasileiro.

2. Divulgação científica *versus* Jornalismo científico

O conceito de ciência é diverso entre alguns autores. Entretanto, o ponto em comum entre muitos deles como Kuhn, Feyerabend, Popper e a autora que os estudou, Maria José Coracini, é entender a ciência não como uma simples descoberta, mas como a construção do “conhecimento humano com base na sistematização, na organização dos fatos que se entrelaçam e se relacionam” (Coracini, 1994). Segundo a revisão bibliográfica feita para este projeto, pode-se afirmar, sinteticamente, que ciência é a procura de fatos incógnitos e a solução das dúvidas, através da observação, curiosidade e criatividade do ser humano para a resolução de enigmas e interpretações de grandes descobertas.

Para o autor Manuel Calvo Hernandez, a ciência e o jornalismo são as duas grandes forças do mundo moderno. O jornalista que trabalha com ciência, antes de tudo, deve ter responsabilidade sobre aquilo que divulga, já que a ciência envolve, por exemplo, questões como saúde, descobertas da medicina, e tudo aquilo que tem relação com a vida. Assim, é importante que os meios de comunicação produzam um material jornalístico de uma maneira explicativa, informativa e que possua, ao mesmo tempo, uma linguagem acessível ao público. “O relato apresentado ao público deverá ser o de nível popular, entre o elementar e o especializado”. (ERBOLATO, 1981: 43).

De acordo com leituras e entrevistas realizadas, este trabalho destaca o que considera uma questão bastante polêmica, (se não for a maior delas): a relação entre jornalismo científico tendo como contraponto a divulgação científica. A jornalista Fabíola

de Oliveira, em entrevista, afirma que essa diferença foi definida, em primeira instância, pelo professor Wilson da Costa Bueno, da USP, quando este produziu sua tese de doutorado sobre a realidade do jornalismo científico da década de 1980. Para ele, a divulgação científica envolveria mais do que o jornalismo: envolveria a divulgação através de museus de ciência, feiras de ciência, exposições, etc. Para Oliveira, portanto, o jornalismo científico pode ser considerado como um meio de se propagar o conhecimento científico, mas não é a divulgação em si.

Mas há outras posições. O jornalismo científico pode ser definido, ainda, como a divulgação da ciência, dentro dos critérios de produção jornalística. Para o jornalista Mário Erbolato, *“levar a descoberta ao conhecimento dos leitores, de forma acessível, correta e sem desvio da verdade(...) é a missão do jornalismo científico”* (ERBOLATO, 1981: 41). Mas, este propósito também é o do jornalismo em si, independentemente de sua área. É do mesmo autor a seguinte definição abaixo:

...a divulgação científica não deve fugir às normas gerais da redação e necessita apresentar clareza, eliminando sempre que possível a aridez do assunto, com a inclusão de um toque de humor e graça. Os jornais precisam explicar, interpretar e informar o máximo possível sobre as descobertas e orientações científicas, ainda que muitas delas já sejam rudimentarmente do conhecimento geral (Erbolato, 1981: 41)

Portanto, nem tudo aquilo que é divulgado e retrata a ciência nos meios de comunicação, pode ser considerado como jornalismo científico. Para ser considerado como tal, se faz necessária a utilização de técnicas jornalísticas específicas como, por exemplo, a utilização de fontes especializadas para passar uma mensagem correta ao público e de uma apuração detalhada do que se quer divulgar. Em definição no site da Editora Comtexto, cujo diretor é o já citado jornalista Wilson da Costa Bueno, define-se que o jornalismo científico *“diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalísticos”*.⁴

A forma correta de se apresentar a ciência no jornalismo, então, seria esta, uma vez que a principal função do jornalista é sempre apresentar os fatos de maneira objetiva. Ou: *“...na divulgação dos assuntos científicos, o jornalista restringe-se à realidade, fugindo à*

⁴ Informações retiradas do site <http://www.comtexto.com.br>

fantasia (...) compete-lhe valorizar a importância das descobertas, mostrar que a ciência está a serviço da coletividade e combater a indiferença”. (ERBOLATO,1981: 46)

Entretanto, não é assim que o jornalismo científico e os jornalistas que trabalham com ciência se mostram ao público. O que se percebe, através do acompanhamento de reportagens vistas em programas populares voltadas ao tema, é uma tendência ao espetáculo. Isto é afirmado pelo professor e pesquisador Francisco Rolfsen Belda⁵, (, que diz que em muitos programas científicos o tema em é abordado de maneira muito genérica, de forma “glamourizada”. Entretanto, para o professor e pesquisadorem programas como o Globo Repórter, de grande apelo popular, ela é benéfica dentro da sociedade, visto que, na maioria dos casos, a televisão é o único meio com o qual a maioria da população se informa.

3. Breve histórico do Globo Repórter

O Globo Repórter foi criado por cineastas iniciantes nesta mídia. Um dos idealizadores da criação desse novo formato de programa foi Paulo Gil Soares. Sua idéia inicial era aproximar a linguagem do cinema para o universo da televisão e do jornalismo, criando um programa independente, com produção e pautas próprias. Surgiu de um fracasso de parceria com a Shell, que previa, por encomenda da multinacional, a para a realização de 24 documentário. Entretanto, em 1972, a Shell, descontente com alguns programas, retirou o patrocínio e o projeto saiu do ar. Entre outras conseqüências desta retirada, surge um novo projeto, baseado no programa americano *Sixty Minutes*, um dos jornalísticos de maior audiência dos Estados Unidos.

Depois de várias reuniões entre Gil e o diretor José Bonifácio de Oliveira, o novo programa, batizado de Globo Repórter, nascia com a proposta de apresentar documentários com quatro temas diferentes, sobre assuntos de interesse geral. Era veiculado às sextas-feiras, às 23 horas, e pretendia mostrar ao público uma abordagem mais profunda do jornalismo. Em julho do mesmo ano, o Globo Repórter passaria para o horário das 21

⁵ Ex-professor da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas e atual da Uniara. É autor da dissertação “Alimentos transgênicos e imprensa: um estudo do discurso jornalístico de divulgação científica”, que desenvolveu na ECA/USP.

horas, às terças-feiras, e conseguiria um espaço no horário nobre. Aos poucos, graças à equipe de produção, o número de temas por programa diminuiu e acabou se transformando em apenas um por edição. Em 1983, a direção do Globo Repórter sai das mãos de Boni e vai para Armando Nogueira; o estilo do programa é totalmente modificado: os documentários dão espaço para as reportagens, ao telejornalismo produzido pelos jornais.

Atualmente, o programa, ainda em formato de reportagens de um único tema é dividido em seis editorias: *Atualidades, Comportamento, Aventura, Denúncia, Meio-Ambiente e Ciência*. É exibido todas às sextas-feiras, às 22h15, tem duração de 45 minutos e é dividido em cinco blocos.

4. Apresentação do problema

Durante o trabalho, uma particularidade interessante, e que norteia este artigo, foi observada. Feitas as análises de alguns programas compreendidos entre 2001 e 2004, percebeu-se a presença constante de programas com a temática *alimentação/saúde* dentro da editoria de ciência do Globo Repórter. Durante o espaço de tempo em que os programas foram analisados, chegou-se aos seguintes resultados*:

Ano	Quantidade de programas na editoria de Ciência	Quantidade de programas com a temática de alimentação/saúde
2001	9	7
2002	7	6
2003	9	6
2004	9	7

*Em anexo, estão os títulos dos programas e suas respectivas descrições

Como foi colocado inicialmente, para este texto as edições destacadas foram as produzidas entre os anos de 2001 e 2004. Neste período, a maior parte das pautas abordadas e que os produtores consideraram como científica, centraram-se nos sub-temas “Doenças” e “Alimentação”. Nota-se que dentro da categoria “ciência”, as sub-categorias “Doenças” e “Alimentação”, além de serem as que mais aparecem, como já citado

anteriormente, vieram a se destacar nos anos de 2003 e 2004. Uma provável hipótese para essa ocorrência pode ser atribuída aos grandes avanços da medicina nessa área, e também, ao interesse do público por esses assuntos. Destacamos para análise pontual neste texto, as edições de 04 de maio de 2001, que teve como tema “Gordura” e a de 08 de março de 2002, com o tema “Guerra contra a Gordura”. A escolha deve-se, em especial, à recorrência de um mesmo tema em pouco mais de um ano. A discussão principal é: como editorialmente trabalhar um tema como este, a partir da perspectiva da Ciência, já que a distância entre uma edição e outra é de menos de um ano?

Como se sabe, segundo os manuais de telejornalismo, não se pode conceber um produto jornalístico para a tevê sem pensar na imagem. *A imagem é mais forte do que a palavra, a imagem diz o que a palavra não traduz* (PATERNOSTRO, 1999: p.61). Ou seja: o texto não pode ser colocado em segundo plano, mas a imagem tem um papel fundamental. É ela que vai dar sentido ao texto e, principalmente, reforçar ou referendar a emoção, que é um recurso bastante utilizado nas reportagens do Globo Repórter. *A imagem viva, em movimento, carrega uma dose muito maior de emoção* (PATERNOSTRO, 1999: 61).

Concebido com a figura de um apresentador, o Globo Repórter deve ser observado desde esta perspectiva. Assim, ao abordarmos esta produção, é preciso observar certos detalhes da postura do apresentador. Na abertura do programa, caminhando em um cenário fictício, ele apresenta todos os temas relacionados ao assunto que serão retratados em cada bloco. Em sua fala percebemos uma interpretação carregada de emoção. A entonação de sua voz muda conforme o diálogo se estabelece. Isso se aplica tanto ao apresentador quanto ao repórter.

Foi assim que foram discutidas nos programas citados as características de como o brasileiro se alimenta, do que é composta essa alimentação e como fazer para melhorá-la. A reportagem supõe, tanto em uma quanto em outra edição, que o brasileiro se alimenta mal. São apresentados vários exemplos para justificar esta “verdade”. Dois exemplos: a Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, onde as pessoas comem carne com muita gordura e a cidade de Lagoa dos Três Cantos, no noroeste do Rio Grande do Sul, onde 60% da população está muito acima do peso. Mas, apesar da gravidade e das possíveis conseqüências que encerram a escolha destes exemplos, os dados são apresentados quase

que como títulos ou manchetes de jornal: “Um médico da região descobriu que 60% da população está muito acima do peso” e “ A proposta de um regime coletivo foi de médicos de São Paulo”.

Não há informações sobre quem seriam esses médicos, nem quais pesquisas e recentes estudos e descobertas estão sendo realizadas por eles. Não há uma contextualização desses dados, o que é importante para a compreensão do mundo científico. Um outro exemplo disso é quando é citado o caso norte-americano, na Filadélfia, que diz que “a população dos Estados Unidos engordou duas vezes e meia o que havia engordado nas quatro décadas anteriores.” Quais os números dessa pesquisa? De acordo com o jornalista Mário Erbolato *Os jornais precisam explicar, interpretar e informar o máximo possível sobre as descobertas e orientações científicas, ainda que muitas delas já sejam rudimentarmente do conhecimento geral* (ERBOLATO: 1981, p.41). Porém, isso não é encontrado nesses dois programas.

É curioso notar que o Globo Repórter cita pesquisas e, algumas vezes, cita nome de médicos e cientistas, porém, os fatos não são explicados e detalhados cientificamente. As fontes são usadas simplesmente como recurso para dar veracidade à informação, sem maiores explicações. São usadas apenas para ilustrar a reportagem. No programa de 2002, é discutida a cirurgia de redução do estômago como uma alternativa para que, aquelas pessoas que estejam muito acima do peso, melhorem de vida. Mas, é possível dizer que no campo da ciência, as informações são muito superficiais. Duas personagens são apresentadas para ilustrar o assunto, mas em nenhum momento fica claro de que maneira essa cirurgia é feita. Quais são os procedimentos, como o corpo humano pode reagir a ela, etc. Os dados apresentados são simplórios ao extremo e há uma supervalorização das personagens e de suas histórias de vida, o que acaba deixando o lado científico em segundo plano.

Na parte do discurso, percebe-se o uso de muitas metáforas; a linguagem é muito bem trabalhada para a televisão, entretanto, isso espetaculariza os fatos. Um exemplo de metáfora interessante foi usado no programa do dia 8 de março. “Para quem morria de vergonha do próprio corpo, a piscina era um poço de angústias. Hoje, é vitrine para as novas medidas”. Esse tipo de texto, aliado a imagens bem trabalhadas em termos estético, provoca outro tipo de reação no público, outro tipo de sensação. Diferentemente do que

simplesmente falar que a natação, antes não praticada em razão da vergonha do corpo, agora faz parte da vida das crianças e as ajudou a emagrecer.

O grande questionamento envolvendo a ciência e um programa jornalístico no estilo do Globo Repórter é o tratamento do próprio tema e a utilização das fontes. Muitas teorias apresentadas por pesquisadores, cientistas e médicos são tidas como verdadeiras, e não há um embate crítico por parte do jornalista para o questionamento de determinados estudos. Para os jornalistas, não importa discutir as pesquisas e as descobertas em si. Eles estão preocupados apenas em verificar conclusões e publicá-las, sem qualquer questionamento. *Importa aos jornalistas a publicização das conclusões, quaisquer sejam estas.* (CHRISTOFOLETTI, 2001:1)

Nos dois programas, não são apresentados mais de um ponto de vista para a resolução dos problemas colocados, como no caso dos médicos que apontam uma maneira para que as pessoas possam perder peso. Todos eles caminham seguindo uma mesma orientação e as fontes utilizadas na reportagem parecem ter sido induzidas a caminhar no mesmo sentido. A imprensa, de um modo geral, quando trabalha com o jornalismo científico, não se preocupa em contrastar teses, analisar diferentes pontos de vista, para que o leitor/espectador tenha uma noção mais ampla dos fatos. Por isso, destaca-se aqui que *Jornalismo, verdade e ética: divulgação científica e confusão informativa*, há uma (...) *falta de preocupação maior da imprensa de divulgação científica em contextualizar os fatos, com a seleção das informações no sentido de auxiliar – de forma bem pragmática e concreta – o receptor.* (CHRISTOFOLETTI, 2001: 4).

O objetivo da ciência e do jornalismo, aliados, deve ser o de educar, informar e interferir positivamente na vida do cidadão, com um propósito. Caso contrário, o jornalismo científico sempre será visto de forma sensacionalista e sempre haverá a tal “confusão informativa”, em razão do excesso de informações. Apesar de todas essas críticas, podemos entender que o Globo Repórter traz, de certo modo, informações úteis aos seus telespectadores. Apesar de suas reportagem terem, como se apresentou rapidamente aqui, um caráter superficial e sensacionalista, há alguma informação. Mas é preciso deixar claro que, até esse ponto, não se pode pretender que o jornalismo feito pelo Globo Repórter seja destacado como científico. O que os dois programas apresentaram foram resultados de pesquisas e opiniões de especialistas, além de depoimentos de pessoas. De qualquer

maneira, é possível dizer que o que o Globo Repórter fez até então, foi, ainda que precariamente, divulgar a ciência do seu modo.

5. Algumas conclusões

Dado o recorte definido para este texto, as conclusões devem ser observadas ainda parcialmente. É preciso, primeiramente, recuperar a história do jornalismo científico, das motivações que definiram esta especialização, e os conceitos já construídos, em especial pelo Núcleo José Reis e também outros autores que têm se debruçado sobre o tema, para que se possa localizar, com maior clareza, produções como o Globo Repórter. Isto porque, se, como já dito, não se pode ainda falar em jornalismo científico no caso desta produção, o seu poder de dialogar com o grande público não pode ser desprezado. Assim, algumas questões que se apresentaram durante esta pesquisa, merecem, a nosso ver, serem problematizadas.

Uma delas é referente à escolha temática. Por que a saúde é uma ponte tão acionada, na busca de manutenção do ibope o que, em última análise, é também fator essencial para a continuidade do Globo Repórter? Se é – como parece ser a recorrência a esta pauta, assumida pelo programa – como abordar um sub-tema, como é o caso da “gordura”, sem que este não fique circunscrito ao senso comum ou a um tratamento de espetacularização? Como romper as margens da divulgação científica superficial e proporcionar a uma população tão distante do contato com a ciência, uma chance de ter acesso à informação que pode, quem sabe, mudar sua relação com a alimentação – como é o caso aqui - e, ainda quem sabe, cobrar do poder público políticas que mudem este quadro?

O fato é que o Globo Repórter é classificado como jornalístico em razão de seu formato e suas informações. Entretanto, a ciência não é trabalhada de modo que se compreenda, primeiro, o que é ciência, desde o século XX e, segundo, como o tema em questão é trabalhado na ciência. Além disso, há uma tendência à produção de conteúdos que apelam para o emocional, que mexem com o público de forma que ele até se identifique nas personagens utilizadas como fontes do programa, mas pára aí a possibilidade de informação.

Por último, só para finalizar, este texto quer destacar o artigo *Jornalismo, verdade e ética: divulgação científica e confusão informativa*, de Rogério Christofolletti. Neste

trabalho está uma síntese do que seria a ciência trabalhada no campo do jornalismo: a apresentação ao público do embate entre diferentes pontos de vista, de diferentes pesquisadores e cientistas; a contextualização de pesquisas e descobertas para este público, um maior empenho dos jornalistas para o aprofundamento desses fatos, para que eles saiam da mesmice e da superficialidade, o que, muitas vezes, confunde e desinforma o leitor/telespectador/ouvinte. É a partir desta perspectiva que se trabalha a conclusão das discussões em torno da produção do Globo Repórter recortada para este projeto.

Bibliografia

- BOAS, Sergio Vilas (org). *Formação & Informação Científica – jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus, 2005.
- BURKETT, Warren. *Jornalismo Científico. Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. São Paulo: Forense Universitária, 1990.
- CORACINI, M.J.R.F. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo/Campinas: EDUC/Pontes, 1991.0
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Jornalismo, verdade e ética: divulgação científica e confusão informativa*. <http://www.saladeprensa.org/art226.htm>. Sala de Prensa. Mai 2001
- ERBOLATO, Mário L. *Jornalismo Especializado – Emissão de textos no jornalismo impresso*. São Paulo: Atlas, 1981.
- GLOBO REPÓRTER. <http://www.globo.com/globoreporter>. Acesso em 15 fev 2006
- MUNIZ, Paula. *Globo Repórter: os cineastas na televisão*. <http://www.mnemocine.com.br/aruanda/paulogil1.htm>. Acesso em 16 fev 2006
- OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2002
- PATERNOSTRO, Vera I. *O texto na tv. Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999
- REIS, José. *O que é divulgação científica? – nas palavras do Dr. José Reis*. <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/divulg.htm>. Acesso em 24 ago 2005.
- ZAMBONI, Lílian M.S. *Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica – subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Editores Associados/Fapesp, 2001
- YORKE, Ivor. *Jornalismo diante das Câmeras*. São Paulo: Summus, 1998

ANEXO

Relação de Programas entre 2001 e 2004

2001: nove programas, nos seguintes meses:

- Abril: um programa com o título: **Bebês de proveta** (Existe experiência mais emocionante do que ter um filho, gerar uma nova vida? O Globo Repórter conta a fantástica história dos bebês de proveta no Brasil. Crianças que só nasceram pelo extremo desejo dos pais e a grande ajuda da Ciência).

- Mai: dois programas com os títulos: **Gordura** (Quem não gosta de uma carne, um queijo, uma feijoada? Mas isso faz bem ou mal à saúde? Por que alguns médicos garantem que gordura pode até matar? E outros dizem que ela não é mais agressiva do que muitos alimentos?) e **Hospital das Clínicas** (A medicina que dá certo. Pela primeira vez, nossos repórteres mostram os bastidores do Hospital das Clínicas de São Paulo, o maior do Brasil

- Junho: um programa com o título: **Hormônios** (Secretos e poderosos. Você vai conhecer como funcionam os hormônios do nosso corpo. Invisíveis e pouco conhecidos, eles mexe m com quase todos os nossos órgãos. Cérebro, coração, sexo, humor. Os hormônios podem transformar nosso organismo e nosso comportamento).

Julho: um programa com o título: **Remédios** (Drogas criadas para curar, trazer alívio se transformaram em problemas. Remédios provocam dúvidas, reações inesperadas, novas doenças. Como evitar o risco? Fórmulas alternativas serão melhores ou piores que a pílula nossa de cada dia?)

-Agosto: dois programas com os títulos: **Mistérios da Dor** (O que a medicina já descobriu para aliviar a dor? Pelo menos um em cada três brasileiros sofre de dores crônicas. Conheça a mulher que vive com uma bomba de morfina dentro do corpo. O esforço de atletas para combater a maior inimiga do esporte.) e **Poder Verde** (Quem já não sonhou com uma vida sem doenças, ou pelo menos sem remédios? Pesquisadores de todo o mundo olham para o Brasil em busca de cura. Atravessando rios e trilhas fechadas da Amazônia, o Globo Repórter chega ao celeiro dos remédios naturais.)

- Setembro: um programa com o título: **Coração** (Os novos caminhos para um coração saudável. Os segredos dessa máquina que impulsiona o corpo. Será que o esporte pode ameaçar o coração? Como combater a pressão alta e o excesso de colesterol nas crianças? O incrível robô cardiologista. A ciência avança e os brasileiros já podem viver com um coração elétrico.)

- Dezembro: um programa com o título: **Câncer** (Os brasileiros que venceram o câncer. O homem que estava de casamento marcado e soube que só tinha três meses de vida. A brasileira que construiu o hospital que revolucionou o tratamento do câncer infantil. E a mulher que aprendeu a lutar contra o vírus que provoca um tipo de câncer letal.)

2002: sete programas, nos seguintes meses:

- Janeiro: um programa com o título: **Alimentos que curam** (O poder de cura dos alimentos. O suco da clorofila, que renova e oxigena as células do corpo. O farelo de arroz, capaz de ajudar no tratamento contra o câncer. O milagre da soja, que previne doenças do coração e controla os efeitos da menopausa. E ainda: você sabia que pode estar comendo alimentos conservados com energia nuclear?)

- Março: dois programas com os títulos: **Guerra contra a gordura** (O que fazer quando o aumento de peso se torna incontrolável? A cirurgia para reduzir o tamanho do estômago funciona? Conheça a primeira cidade brasileira a entrar em um regime coletivo para emagrecer. Como a obesidade se tornou a inimiga número 1 dos americanos?) e **Memória** (O que fazer quando a memória falha? O que a ciência descobriu sobre o Mal de Alzheimer, a doença do esquecimento. Saiba como o álcool pode destruir o nosso cérebro. O que os pais podem fazer para tentar reverter o quadro de crianças que não aprendem? E ainda: as lições da oficina da memória.)

- Julho: dois programas com os títulos: **Cura pelos alimentos** (O Globo Repórter investiga o poder de cura dos alimentos que o brasileiro consome no dia-a-dia.) e **Saúde à mesa** (O Globo Repórter faz uma discussão que apaixonou: o que é melhor para a nossa saúde - carne ou vegetais?)

- Setembro: um programa com o título: **Dinossauros do Brasil** (A aventura dos brasileiros caçadores de dinossauros. O Brasil tem alguns dos mais raros e valiosos esqueletos desses

animais. No Ceará, os ossos que ainda brotam da terra são vendidos livremente no meio da rua. O mais antigo dinossauro era gaúcho.)

- Dezembro: um programa com o título: **Comer errado** (Você sabe se alimentar corretamente? Regimes, dietas, excesso de gordura: o Globo Repórter mostra por que comer errado pode trazer problemas para a vida toda.)

2003: nove programas, nos seguintes meses:

- Fevereiro: dois programas com os títulos: **Nutrição popular** (Bom, barato gostoso e saudável. Quatro palavras que definem uma revolução na mesa brasileira. O Globo Repórter revela que já é possível substituir receitas médicas por receitas culinárias.) e **Inventores do Brasil** (Eles já criaram a casa que gira, a máquina que passa roupa, o robô que conversa com crianças, o terço eletrônico, o macaco hidráulico movido a isqueiro e mais, muito mais. Acompanhe essa aventura pelos surpreendentes caminhos da imaginação brasileira.)

- Mai: dois programas com os títulos: **Teste de DNA** (Há 50 anos, a ciência apresentou ao mundo uma nova sigla: DNA. Apenas três letras, mas quantas vidas elas já mudaram? Quem imaginaria que um simples exame de sangue pudesse revelar tantos segredos?) e **Emagreça com saúde** (O Globo Repórter revela como emagrecer com saúde e prazer. Conheça as recentes descobertas da ciência para quem quer perder peso sem sofrimento. E a receita ideal para esse desafio é o equilíbrio.)

- Outubro: três programas com os títulos: **Viver mais e melhor** (Saiba o que é preciso fazer para não perder a força, a energia e os movimentos depois dos 70.), **Estresse** (Saiba como o organismo sob pressão perde as defesas e a vitalidade.) e **Sono** (Uma viagem pelos misteriosos caminhos do sono. O Globo Repórter revela doenças quase desconhecidas e segredos simples que podem melhorar muito o nosso dia-a-dia.)

- Novembro: um programa com o título: **Desnutrição x Obesidade** (Saiba por que crianças mal alimentadas se transformam em adultos gordos e doentes. O Globo Repórter revela como a epidemia da obesidade chegou ao mundo infantil.)

- Dezembro: um programa com o título: **Mãe natureza** (Veja como usar recursos naturais na saúde, alimentação, agricultura e até na construção de casas.)

2004: oito programas, nos seguintes meses:

- Março: dois programas com os títulos: **Vida saudável** (As pequenas mudanças que podem transformar o nosso dia-a-dia.) e **O poder das frutas** (Qual o poder da fruta brasileira? O Globo Repórter vai a pomares e laboratórios em busca de respostas para essa pergunta.)
- Abril: um programa com o título: **Ciência e fé** (O poder de cura das crenças religiosas)
- Julho: um programa com o título: **Comida é remédio?** (As mais recentes descobertas sobre a eficiência dos alimentos no combate a doenças.)
- Agosto: dois programas com os títulos: **Depressão** (Veja como se livrar do mal que atinge milhões de brasileiros.) e **Transplante de órgãos** (A experiência que já mudou o destino de muitos brasileiros.)
- Setembro: um programa com o título: **Saúde para o coração** (Conheça as mais novas descobertas sobre o coração humano.)
- Novembro: dois programas com os títulos: **Plantas medicinais** (Veja por que o uso de medicamentos à base de ervas está crescendo tanto.) e **Saúde com prazer** (Conheça as mais recentes descobertas sobre o valor nutritivo dos alimentos naturais colhidos no Brasil.)